

Uma dieta da informação: para uma leitura crítica da mídia no combate a desinformação¹

Valquíria Aparecida Passos KNEIPP²

Aryela SOUZA³

Daniely MACIEL⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este presente trabalho tem por finalidade contribuir para os estudos a respeito da desinformação por meio das mídias sociais na era da pós-verdade, bem como suscitar uma análise crítica sobre o quanto os adolescentes estão vulneráveis ao conteúdo impostor divulgado na Web. A fundamentação teórica contou com os estudos de Empoli (2020), Johnson (2012), Ferrari (2018), McLuhan & McLuhan (1988), Barichello & Dall’Agnese (2019) e Jenkins (2009) como base para a realização de levantamentos de dados sobre os hábitos de consumo desde as mídias tradicionais como também de redes sociais. Através das oficinas desenvolvidas com os estudantes do ensino médio da Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti, na cidade de Natal (RN), considerou-se que os adolescentes, apesar de constantemente conectados no ambiente virtual, não possuem conhecimento o suficiente sobre os *blogs*, *sites*, redes sociais e até mesmo inteligências artificiais (IA) que utilizam diariamente para fazer uma leitura crítica do conteúdo que observam em seus dispositivos eletrônicos. Assim, foram apresentadas técnicas que facilitem uma rápida checagem de informações e os conscientizem quanto aos danos que a desinformação causa.

PALAVRAS-CHAVE: Desinformação; Mídias sociais; Pós-verdade; Fact-checking.

INTRODUÇÃO

A desinformação no Brasil tem transpassado diversos âmbitos da sociedade, afetando desde o cenário político, na educação, como também em questões de saúde pública. Nesse contexto, a disseminação de informações falsas tem impactado a forma como as pessoas percebem a realidade e até na modelação nas tomadas de decisões do cidadão (EMPOLI, 2020).

A problemática da desinformação transcende gerações e um dos principais grupos afetados são os adolescentes, expostos a uma grande quantidade de informações nas redes sociais. No ano anterior, uma pesquisa feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, em

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho *Desinformação, educação midiática e fact-checking*, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professora do Curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: valquiria.kneipp@ufrn.br

³ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: aryela.souza.016@ufrn.edu.br

⁴ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: danielygabriella@ufrn.edu.br

parceria com a UNESCO, constatou que praticamente todas as crianças e jovens de 9 a 16 anos acessam a Internet diariamente. Dentre estes, 43% não sabem verificar se uma informação é falsa, 38% não sabem identificar se um site é confiável e 33% relataram ter acontecido algo na Internet que os ofenderam ou chatearam. Para Johnson (2012), o novo tipo de ignorância é proveniente do consumo excessivo de informação e pode ser provocado por três fatores: agnotologia, fechamento epistêmico e falha de filtro. O termo agnotologia foi criado pelo historiador e professor da Universidade de Stanford, Robert Proctor, para descrever as informações que as grandes empresas tabagistas impuseram à sociedade na segunda metade do século XX, como o estudo da dúvida induzida culturalmente, em especial por meio da produção de dados aparentemente fabricados. É uma forma de ignorância fabricada.

O fechamento epistêmico se caracteriza por uma realidade definida por uma rede multimídia interconectada de *blogs*, revistas e programas de rádio e TV, que podemos denominar de bolha, em que o cidadão está inserido em um contexto social. “A cada dia nossas *timelines* vão ficando cada vez mais iguais, pois os algoritmos começam a nos mostrar só o que está na nossa bolha” (Ferrari, 2018; p.22). De acordo com Johnson (2012), o fechamento epistêmico é uma ferramenta que dá poder a ignorância agnotológica. À medida que determinada informação é produzida, todas as outras fontes de dados são consideradas não confiáveis ou, pior, conspiratórias. Ainda segundo o autor, a falha de filtro pode ocorrer pela produção e pelo consumo de informações vindas de seus grupos sociais pela personalização desses dados. Os amigos que escolhemos e os locais que frequentamos nos fornecem um novo tipo de bolha, dentro da qual consumimos informação.

Portanto, o êxito na disseminação de informações falsas entre os adolescentes surge devido a falta de leitura crítica na avaliação da veracidade dos dados. Dessa forma, esta pesquisa visa identificar e estimular na prática a refletir conceitual e teoricamente sobre os novos processos e abordagens adotados pelo jornalismo no âmbito das redes sociais.

OBJETIVOS

O objetivo da pesquisa é investigar a leitura crítica da mídia tradicional, como também das redes sociais, por meio de ferramentas para *fact-checking*, em escolas da rede

pública do ensino médio. Para isso, organizou-se oficinas interativas, com uso de recursos verbais e não-verbais capazes de incentivar a participação de estudantes que convivem diariamente com esta problemática, além de promover uma roda de conversa para a partilha de experiências pessoais na Internet e nas redes sociais. Um questionário foi aplicado nos dias 10 e 12 de maio de 2023, com questões sobre hábitos e consumo de mídias tradicionais e digitais.

METODOLOGIA

O estudo baseou-se na análise da bibliografia proposta. Por tratar-se de um tema da atualidade, existe a necessidade da busca constante por novas fontes e publicações científicas relacionadas à temática de desinformação, para que esta seja monitorada e atualizada periodicamente, durante toda a pesquisa. Para isso, foi feito um levantamento das agências de checagem que atuam no Brasil atualmente, assim como seu *modus operandi*. Em seguida, construiu-se um material de estudo baseado nos três pilares da desinformação online: a era da pós-verdade, as redes sociais e a inteligência artificial (IA) para os alunos do ensino médio da Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti, na cidade de Natal (RN). Além disso, ao início de cada apresentação, realizou-se um questionário *online* para entender como a informação chega aos estudantes e como interagem com as notícias. No final, era disponibilizada ainda uma cartilha explicando os métodos utilizados na oficina para identificar a desinformação de uma maneira aprofundada e didática.

Essa metodologia, com a combinação de técnicas distintas, possibilita a análise de vários aspectos dos objetos pesquisados através da interpretação, que se empreendeu por meio das quatro perguntas do método Tetrádico, porque, “tudo que o homem constrói, seus procedimentos, estilos, artefatos, poemas, música, pintura, dispositivo, teoria, tecnologia – cada produto do esforço humano – manifesta essas quatro dimensões” (MCLUHAN & MCLUHAN, 1988, p. ix). “Uma das maiores vantagens da téttrade é sua aplicabilidade a objetos e contextos diversos” (Dall’Agnese e Barichello, 2019, p. 17), destacando-se a contribuição do método para as investigações que tenham como objetivo analisar as transformações jornalísticas.

RESULTADOS PRELIMINARES

Com base nos levantamentos realizados através de um formulário *online* em 2023 com 48 alunos da escola pública, com idades entre 16 e mais de 20 anos, foi possível identificar os hábitos de consumo e busca por informações dos adolescentes e de seus familiares durante o cotidiano. Dessa forma, 97,9% dos alunos afirmaram que já receberam ou observaram notícias de caráter duvidoso em suas redes sociais, seja por meio do uso de memes, vídeos virais ou influenciadores digitais. Um dado importante é que 91,5% dos alunos tendem a ignorar ao receber ou observar uma informação possivelmente falsa e 8,5% a compartilham. Contudo, somente 10,5% dos que passam a notícia adiante pesquisam na Internet para verificar se é legítima (método apresentado durante a oficina) enquanto 36,8% questionam a fonte.

Outro ponto a ser tratado são os principais meios que os adolescentes utilizam para se informar. Durante a pesquisa, foram citadas principalmente quatro redes sociais: *Whatsapp*, *Instagram*, *YouTube* e *TikTok*. A resposta representa uma nova forma de consumo, comparada a da geração anterior, que, de acordo com os estudantes do ensino médio, ainda recorrem aos jornais impressos e telejornais — 47,9% dos estudantes afirmam que os parentes assistem diariamente aos boletins de notícias televisivos. Esses diferentes meios de consumo de informações demonstram o impacto da era da convergência de mídias (JENKINS, 2009).

Por fim, a rede social em que 70,2% dos estudantes que participaram desta pesquisa já chegaram a receber ou observaram este tipo de desinformação foi o *Instagram*, seja em *posts*, *reels* (vídeos) ou *stories*. Em segundo lugar, está o aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*, utilizado por 97,9% habitualmente.

CONSIDERAÇÕES

Em virtude dos resultados apresentados, considerou-se que a desinformação por meio dos jovens é predominantemente advinda das redes sociais, uma vez que promove um fácil acesso. No entanto, diante de uma grande propagação de narrativas simplificadas e distorcidas sobre questões sociais, políticas e culturais, sem o devido contexto, encontram dificuldade em interpretar o conteúdo e entender as intenções por trás das notícias compartilhadas.

Além disso, a desinformação pode impactar na saúde mental e emocional dos adolescentes, visto que a exposição constante a informações falsas e sensacionalistas pode gerar ansiedade, medo e desconforto (JOHNSON, 2012). A falta de habilidades críticas para discernir entre informações confiáveis e enganosas pode aumentar a vulnerabilidade dos adolescentes a manipulações e abusos.

REFERÊNCIAS

- BARICHELLO, E. M. N. R.; DALL'AGNESE, C. T. W. A téttrade mcluhaniana como método para investigar as reconfigurações do jornalismo no ecossistema midiático. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. e30928, 2019. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.1.30928. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30928>. Acesso em: 27 mar. 2024
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio; 2020.
- FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC/ Fortaleza: Armazen de Cultura, 2018.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- JOHNSON, A. Clay. **A Dieta da Informação**. São Paulo: Novatec; 2012.
- MCLUHAN, Marshall & MCLUHAN, Eric. **Laws of Media: The New Science**. Londres: University of Toronto Press, 1988.